



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Brasil Post

Data: 26/02/2015

Caderno/Link: http://www.brasilpost.com.br/2015/02/24/trotes-estupros-usp_n_6662806.html?utm_hp_ref=educacao

Assunto: Melhor universidade da América do Sul, USP concentra casos assustadores de trotes

Melhor universidade da América do Sul, USP concentra casos assustadores de trotes

Apontada como a 132ª melhor universidade do mundo e a melhor da América do Sul, a **Universidade de São Paulo (USP)** concentra não só uma boa porção da nata intelectual e acadêmica do Brasil, mas também alguns dos **mais escabrosos relatos de trotes violentos já relatados**. A Faculdade de Medicina (FMUSP) apareceu com mais destaque no ano passado, mas o desrespeito não ocorre apenas entre os estudantes do curso envolvidos nas denúncias investigadas pela Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp).

"A gente ouviu um 'zum zum zum' e não se atentou. Primeiro havia uma dificuldade, que ninguém queria se expor. E, no momento em que as poucas pessoas se expuseram, a primeira reação foi: vamos tentar resolver internamente. Houve uma certa tentativa de dizer: são desvios pontuais", disse o professor da FMUSP **Paulo Saldiva**, à CPI que investiga os estupros e violações de direitos humanos nas universidades de SP.

Ex-integrante da Congregação da instituição, **ele se afastou ao perceber que a resposta da faculdade não seria a ideal**. "[A faculdade] estava mais doente do que pensávamos (...). A gente poderia ter atuado de uma forma um pouco mais dura no início, fomos moles", completou.

Com tantos casos, é esperado que a saúde dos estudantes sofra. E foi isso que apontou a pesquisa do Projeto Quara (Qualidade das Relações no Ambiente), conduzida pela professora de Medicina Preventiva da FMUSP e coordenadora do Núcleo de Estudos da Violência da USP, **Maria Fernanda Tourinho Peres**. Segundo o levantamento, **92%** dos alunos informaram ter sofrido pelo menos um episódio de violência física ou verbal na faculdade - de humilhação a violência sexual. Destes, **30%** consideraram que o fato foi grave.

"Há uma cultura de considerar a FMUSP acima da lei e da sociedade, esquecendo-se do fato de que é uma instituição pública, que recebe grandes investimentos públicos", analisou o presidente do Instituto Luiz Gama, professor de Direito, e mestre e doutor pela USP, **Silvio Luis Almeida**. "É preciso disseminar a educação sobre a cultura do consentimento, do valor do não", afirmou a professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH), **Heloísa Buarque de Almeida**, ao discorrer sobre a naturalidade com que os trotes e perseguições são tratados na USP.

Foi justamente essa cultura que matou o calouro **Edison Tsung-Chi Hsueh**, em 1999. Ele acabou afogado durante um trote na FMUSP. Enquanto a instituição apontou a morte como acidental, a Justiça inocentou os quatro acusados pela morte em 2006.

Trotes não são exclusividade da USP

O problema da violência no ambiente universitário não é exclusivo da USP ou do ensino superior paulista. Há relatos de casos de abusos físico e sexual, racismo, homofobia e outras violências em instituições de dentro e fora do Brasil. No âmbito de São Paulo, pelo menos três casos foram registrados em 2015, o que mostra que a prática permanece forte, apesar de leis e discursos correntes das autoridades.

Alguns dos trotes mais violentos foram relatados nos campus de Campinas e Sorocaba da **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**. Lá, as calouras são proibidas de usar cabelo solto, bijuterias e maquiagem e os homens são obrigados a manter o cabelo raspado. Além disso, eles não têm acesso ao Centro Acadêmico, ao restaurante e são proibidos de usar bancos e elevadores. Tudo em nome da tradição, dizem os veteranos.

Segundo um estudo feito pelo professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (**Esalq**) **Antônio Ribeiro Almeida Júnior**, o trote não integra os alunos na faculdade e estimula atitudes preconceituosas. Muitos são forçados a participar, de acordo com sua pesquisa, por medo de retaliação. Alguns alunos abusados no trote ficam traumatizados e desistem do curso, pois muitos não aguentam ver seus abusadores impunes. Houve até caso de suicídio de estudante da **Esalq**.

"O calouro que está na rua, pedindo esmola, é soldado de uma hierarquia que tem general", comentou Almeida.

Em defesa da PUC-SP, o vice-reitor **José Eduardo Martinez** garantiu que a instituição não compactua com trotes e perseguições e que **é uma das únicas a expulsar alunos por trotes**. Só em 1998, segundo ele, cinco estudantes foram expulsos após um estudante ter sido queimado em uma festa.

Já o diretor das **Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)**, **Márcio Cardim**, ressaltou a mesma posição do colega da PUC-SP. Foi em Adamantina (SP) que foram registrados os trotes que queimaram a perna de uma caloura e que podem deixar outro aluno cego de um dos olhos. Ele disse que "é a primeira vez em 46 anos" que um caso assim é registrado e que **os envolvidos devem ser expulsos**. "Não queremos esse tipo de aluno e estamos prontos para punir os agressores."

Reitor fala em 'mudanças'. Será?

No dia 21 de janeiro, o reitor da USP, professor **Marco Antonio Zago**, esteve na Alesp para falar sobre a violência envolvendo alunos da universidade. Seguindo o discurso oficial, ele garantiu que todas as denúncias estão sendo investigadas, tanto que a **Comissão de Direitos Humanos da USP**, presidida por José Gregori e que conta com notáveis como Celso Lafer, Maria Hermínia Brandão Tavares de Almeida, Calixto Salomão e Pedro Dallari, terá mais poder daqui para frente.

"A CDH será responsável pelas ações e respostas dos dirigentes da universidade diante de denúncias ou suspeitas, para que desapareça a suspeita de que diretores ou responsáveis por sessões estejam, de alguma forma, escondendo casos ou tentando abafar situações", comentou Zago. Outra medida adotada **é um acolhimento diferenciado aos calouros** e a proibição do consumo de álcool nas dependências da instituição.

Entretanto, há muito ceticismo por parte de parlamentares e coletivos sobre a real eficácia das medidas anunciadas até aqui. "O foco do problema não são as festas, não é o uso do álcool, não é o uso de uma roupa curta. É preciso ensinar os alunos a não estuprar. É preciso apurar o abuso, e, se culpado, o aluno deve sofrer punição administrativa rápida, antes da formatura", disse a advogada **Marina Ganzarolli**, do coletivo feminista Dandara, da Faculdade de Direito da USP.

"Os coletivos vão se encontrar com a comissão, assim como dentro da própria reitoria tomaremos providências com a lista de propostas que elas fizeram. As propostas são, se não todas, praticamente todas factíveis", respondeu Zago.

Já o deputado estadual **Marco Aurélio de Souza** (PT), integrante da CPI na Alesp, defendeu que o reitor não permita à universidade conferir "**título de médico a criminosos**". Zago disse que "o foco da USP é a educação" e evitou comentários "generalizados". Ele também evitou falar sobre "tradições" da instituição, como o **Show Medicina**, alvo de denúncias de abusos de veteranos contra calouros. "Eu prefiro dizer que eu estou buscando tomar medidas. Eu não vou dar opinião sobre o passado."

Outro fato que cria dúvidas sobre a viabilidade de mudanças é a retirada da professora e antropóloga **Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer** da chefia de segurança da USP, após apenas nove meses no cargo. Ela foi substituída pelo médico veterinário **José Antonio Visintin**. Crítica da presença da Polícia Militar no campus e favorável a uma Guarda Universitária, Ana Lúcia não aprovou a forma como a reitoria vinha conduzindo os casos de abusos.

Falando na FMUSP, ela disse que nunca teve acesso ao esquema de segurança de lá. "O fato é que lá é um feudo e eu como superintendente nunca tive acesso. Tive uma conversa muito séria com o reitor em dezembro e ele me disse que cabia ao diretor da faculdade tomar as providências. Foi objetivo e curto.

Havia tensões numa área cheia de problemas. E eu não estava lá necessariamente para concordar e, sim, como especialista em direitos humanos, justiça, trazer opiniões e alertar para os rumos", comentou ao jornal O Estado de S. Paulo.

Por ora, no início das aulas, nesta semana, ocorre a "recepção dos calouros", organizada por unidades de ensino e centros acadêmicos. No período, as aulas são substituídas por palestras e atividades. Além disso, a USP organiza nesta terça-feira (24), a partir das 9h, no Teatro da FMUSP o evento "Democracia Universitária, ética e corpo: não à opressão, nenhuma vida vale menos". A ideia é promover três mesas redondas, **discutindo opressão e violência com os alunos**.

"Estamos falando de uma violência que hierarquiza classes sociais, algo forte onde o machismo se impõe, os homossexuais não podem se emancipar e vivem em guetos, de banditismo", explicou a professora **Zilda Iokoi**, do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (Diversitas) da USP.

Além disso, o manual do calouro deste ano contará com novidades, como informações sobre os canais de atendimento para denúncias de violência a ingressantes, com destaque e especificações de número de telefone, e-mail, site e horário de atendimento. É um adendo ao **disque-trote (0800-012-1090)**, que existe desde 2000.

"Este ano eu irei pessoalmente à recepção dos calouros para dialogar com eles e apresentar os canais que terão para apresentar denúncias", prometeu o diretor da FMUSP, professor **José Otávio Costa Auler Júnior**.

ESPECIAL NÃO AOS TROTES

- Verdadeiros círculos viciosos, trotes universitários expõem contradições e desafiam uma tradição secular

- Omissão política, desrespeito às leis, fraudes e descaso: Por que a tradição dos trotes se mantém firme no Brasil